

O MANEJO DA ANGÚSTIA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Sentir o que o sujeito pode suportar de angústia os põe [os analistas] à prova a todo instante.

(J. Lacan)

Quantos de nós já ouvimos falar ou mesmo já dissemos que uma análise é algo árduo, doloroso, angustiante? Isto se torna paradoxal se considerarmos que as pessoas buscam a análise para se aliviar de um sofrimento. Porém, não se trata de algo apenas doloroso, quem faz análise sabe também de suas vantagens, uma delas é a satisfação que a palavra proporciona. Quando alguém procura um analista é porque já não suporta mais o fracasso do mito, do fantasma que construiu para tentar responder ao *Che voi?*, ou seja, ao “que queres?”, pergunta endereçada ao Outro. O momento em que surge a angústia tem relação com esta pergunta e, desta maneira, está implicada no desejo do Outro. O que interessa à psicanálise é, para além dos sinais orgânicos da angústia (taquicardia, sudorese, sensação de sufocamento, *etc.*), em que direção apontam esses sinais, no que tange à verdade do sujeito inconsciente. Desta forma, este trabalho propõe alguns questionamentos sobre a temática da angústia na clínica psicanalítica, tais como o seu conceito, qual sua função no processo analítico, que lugar ocupa o analista diante da angústia do paciente.

Enquanto seres de linguagem, estruturamo-nos como sujeitos a partir de um vazio fundamental e, segundo Carvalho (2005):

É a partir do vazio que o sujeito se constitui, e apesar de passar a vida a buscar significantes que o representem numa tentativa incessante de explicar sua existência e de dar a ela um sentido, esse vazio sempre insiste como um lugar que nada que o sujeito alcance em suas buscas poderá preencher. Na análise, a angústia tem a função de apontar para esse lugar fundante do sujeito [...]. (p. 43).

Durante o processo analítico os sujeitos se deparam com este vazio, já que não obtém do analista nenhuma resposta que lhe diga o que fazer com suas questões a não ser que fale delas. A angústia, conforme Carvalho (2005), tem como função no processo analítico apontar justamente para o lugar em que o sujeito se fundamenta, para que caiam as construções falaciosas em resposta ao desejo do Outro. Mas esta queda não depende apenas do que responde ou não o psicanalista, implica também que o paciente perceba sua responsabilidade diante de seu sofrimento. É necessário que o paciente assuma a parte que lhe cabe em seu sintoma, caso contrário, não há análise possível. Segundo Lacan (1962-63/2005):

O sintoma só se constitui quando o sujeito se apercebe dele [...]. O primeiro passo da análise [...] é que o sintoma se constitua em sua forma clássica, sem o que não haverá meio de sair dele, porque não haverá meio de falar dele, porque não há como agarrar o sintoma pelas orelhas. O que é a orelha em questão? É o que podemos chamar de o não-assimilado do sintoma, não assimilado pelo sujeito. Para que o sintoma saia do estado de enigma ainda não formulado, o passo a ser dado não é que ele se formule, mas que se desenhe no sujeito uma coisa tal que lhe seja sugerido que *há uma causa disso*. (p. 306).

Não se trata de dizer que o sintoma não existia antes da análise, mas ele se constitui a partir do momento em que o sujeito responsabiliza-se por ele, quando nota que não é por acaso, quando deixa de ser uma queixa inicial. É frequente serem encaminhadas pra análise pessoas que chegam com o diagnóstico de depressão, ansiedade generalizada, transtorno do pânico, estresse, e este último, por exemplo, segundo Izcovich (2011),

[...] não é uma posição subjetiva, é a resposta orgânica que exige o social, mas é um modo de não responsabilizar-se como sujeito. Na angústia, pelo contrário, o sujeito está implicado. Do mesmo modo que se trata de passar da queixa ao sintoma, se passa do estresse à angústia, não porque o analista busque angustiar o sujeito, mas porque o dispositivo analítico angustia, e o analista não pode fazer economia disso, porque sabe que é o único modo para aceder ao desejo.¹ (2011, p. 81).

Assim como é necessário que o sujeito passe da queixa ao sintoma, deve-se passar do estresse à angústia, cuja implicação do sujeito também se faz fundamental

¹ O original está em espanhol e a tradução é de nossa responsabilidade.

para a entrada em análise. De acordo com Lacan, ainda no seminário sobre a angústia, o neurótico chega ao analista com uma oferta falaciosa; “pois bem, nós a aceitamos. [...] Ele quer que vocês lhe peçam alguma coisa. Como vocês não lhe pedem nada, começa a modular as demandas dele [...]. É essa a primeira entrada em análise.” (LACAN, 1962-63/2005, p. 62-63). Então, o analista, além de não pedir nada, também não responde à demanda do: o que eu tenho? O que devo fazer? O que você me sugere? A isto responde com a regra fundamental da psicanálise: fale o que vier à cabeça. Assim é possível que se dê a entrada em análise. Mas e depois? Voltamos à angústia.

Lacan (1962-63/2005) afirma que a angústia não é uma emoção, mas sim um afeto, e diz ser um afeto que não engana. Para retornarmos às origens do conceito de afeto, faz-se necessário situá-lo na teoria freudiana. Na metapsicologia, o afeto é descrito como um representante pulsional, assim como a ideia. Segundo Freud (1915/1996), no processo de recalque o conteúdo ideativo seria retirado da consciência e a “quantidade de afeto” ficaria desligado até se ligar a outra representação. Isto implica que o afeto estaria desligado de sua representação original. Mas se a angústia é aquilo que não engana, isto implicaria dizer que ela não se desliga da representação original? De acordo com Soler, “A certeza clínica da angústia indica que ela remete não ao significante enganador, mas a um real (não estou dizendo o real) que se trata de cercar. [...] Ela é seu índice.” (2005, p. 15). Então, a angústia seria um afeto amarrado ao real. No seminário 10, Lacan afirma:

A angústia é esse corte – esse corte nítido sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, seu sulco no real, é impensável; é esse corte a se abrir, e deixando aparecer o que vocês entenderão melhor agora: o inesperado, a visita, a notícia, aquilo que é tão bem expresso pelo termo “pressentimento”, que não deve ser simplesmente entendido como o pressentimento de algo, mas também como o *présentimento*, o que existe antes do nascimento de um sentimento. (LACAN, 1962-63/2005, p. 87-88).

Então, temos em Lacan a angústia como sendo o corte que incide nas fendas entre um significante e outro deixando à vista o inesperado. Com esta afirmação, o autor refere-se ao *Unheimliche* freudiano, traduzido para o português por *O Estranho* (FREUD, 1919/1996). Neste texto, Freud expõe uma série de significados para a palavra *heimlich* que, em linhas gerais relaciona-se a algo que é familiar, porém, “é uma palavra cujo significado se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com o seu oposto *unheimlich*” (p. 244). Para Lacan, “a definição do *unheimlich* é ser *heimlich*.” (1962-63/2005, p. 57). Freud propõe que se trata do retorno do recalcado, ou seja, um infantil familiar que se tornou estranho pelo efeito do recalque. Lacan afirma que o *heim* (estranho-familiar) é o objeto *a*. Este objeto ele chama de uma espécie de “resto” que fica da operação de divisão do sujeito pelo efeito da castração, na qual este sujeito passa a ser barrado/cindido (\$). Afirma ainda que esse resto, esse *a*, é uma prova, garantia única da alteridade do Outro e que “a manifestação mais flagrante desse objeto *a*, o sinal de sua intervenção, é a angústia. (LACAN, 1962-63/2005, p. 98)”. Então, quando diz que a angústia é o corte que incide nas fendas entre um significante e outro deixando à vista o inesperado, é do objeto *a* que se trata. É esse objeto que surge quando a angústia aponta para o lugar em que o sujeito se fundamenta, possibilitando a queda das construções falaciosas em resposta ao desejo do Outro.

O que chamamos de construções falaciosas do sujeito é a fantasia, é a ficção criada pelo sujeito para tentar responder ao que ele supõe ser o que o Outro espera dele. Nessa fantasia, o sujeito se coloca em posição de objeto (*a*) do desejo desse Outro. Lacan afirma que “esse objeto *a* que o neurótico se leva a ser em sua fantasia cai-lhe quase tão mal quanto polainas num coelho. É por isso que o neurótico nunca faz grande coisa com sua fantasia.” (1962-63/2005, p. 60-61). Em outras palavras, é por isso que não responde ao “que queres de mim?”, persistindo o lugar vazio.

Entre o sujeito \$, aqui “Outrificado”, se posso me expressar desse modo, em sua estrutura de ficção, e o Outro, A, [...] o que surge é esse resto, *a*, é a libra de carne. O que quer dizer que podemos fazer todos os empréstimos que quisermos para tampar os furos do desejo, [...] mas lá está o judeu que, por sua vez, entende um bocado do balanço das contas e que, no fim, pede a libra de carne. (LACAN, 1962-63/2005, p. 139).

Lacan cita *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare, para dizer que o *a* é a libra de carne posticamente colocada no lugar do vazio, mas há sempre o judeu, exímio em cálculos, que vem buscar o pagamento. A experiência de angústia seria a iminência da possibilidade de perder esta libra de carne. Mas como pagar a dívida sem sangrar? Impossível. A travessia da angústia é necessária durante o processo da análise. Conforme dito anteriormente, se a análise faz doer, é porque se trata de uma experiência de angústia e, segundo Izcovich (2011):

[...] há analisantes que vão se angustiar mais, outros menos, mas a ideia lógica de Lacan é que não se atravessa uma análise sem haver atravessado a angústia. O manejo da transferência da parte do analista aponta para o atravessamento lógico da angústia. Poderíamos dizer [...] que o afeto de transferência fundamental é a angústia [...]. É por isso que Lacan [...] utiliza a expressão de manejo da transferência e também a de manejo da angústia [...]. [...] A angústia na transferência depende do analista. É sua responsabilidade saber que possibilidade tem o analisante de suportá-la. (IZCOVICH, 2011, p. 89).²

Ainda de acordo com este autor, há um paradoxo da análise: neste processo o analista vem a ocupar o lugar de objeto *a*. Ao ocupar este lugar, o analista evoca a angústia e, ao mesmo tempo o desejo do analisando:

Na condução de uma análise, o desejo do analista também se apresenta como um vazio que permite ao sujeito instalar aí o desejo do Outro ao qual se sujeitou, fazendo aparecer assim os significantes dessa dependência e, para além deles, seus pontos de gozo e os objetos *a* a eles associados. A análise interroga o sujeito na raiz de seu desejo, lá onde ele só está como *causa de desejo* [...]. Em razão das identificações, da fantasia e dos sintomas serem abalados pelo trabalho da análise, a angústia velada emerge e indica que a análise está no caminho do desejo [...]. No manejo da transferência, o desejo do analista [é] o principal causador da angústia na análise. (CARVALHO, 2005, p. 44-45).

Lacan teoriza sobre o discurso do analista e sua posição de objeto *a* no seminário 17, no qual aborda os quatro discursos: da histérica, do mestre, do

² O original está em espanhol e nos responsabilizamos pela tradução.

universitário e do analista (1969-70/1992). Seguindo a lógica dos quatro discursos, ao ocupar o lugar de objeto *a*, o analista possibilita que o analisante, partindo do reconhecimento de ser sujeito barrado pelo desejo, possa sair da posição imaginária de objeto do Outro para interrogar-se a respeito de sua própria estrutura significante. O analista faz isso a partir do momento em que, ao esvaziar o semblante, responde apontando para o desejo enquanto causa. Como é possível ao analista ocupar este lugar e agir no manejo da angústia sem que ela inviabilize a continuação da análise? Carvalho (2005) afirma que “isso só é possível porque o analista passou por uma análise e adquiriu a capacidade de suportar sua própria angústia” (p. 44-5). Não estamos certos de tratar-se somente da capacidade adquirida pelo analista de suportar a própria angústia, mas, sim, de fazer a travessia dela e, a partir disso, conforme Lacan, sentir o que o sujeito em análise pode suportar da angústia, pois é isto o que nos coloca a prova como analistas (1962-63/2005). Atravessar a angústia não é o mesmo que adquirir a capacidade de suportá-la, é fazer questionamentos sobre sua posição de sujeito para que um desejo autêntico possa advir. Desta maneira o analista pode apostar que a angústia do paciente é necessária para que o desejo advenha.

Segundo Carvalho (2005), o sujeito, ao vivenciar essa angústia em toda sua intensidade, se torna capaz de assumir uma nova posição em relação à sua estrutura. Pode, então, desejar por si ao se deparar com aquilo para o que “não há esperança”, nos termos de Iscovich (2011). A partir do momento em que se descobre que não há nada para além daquilo que outrora criamos, ou seja, o mito individual neurótico. Trata-se, pois, de construir um caminho novo que possibilite outro desejo, inédito, que não seja a testemunha de uma dependência fracassada em relação ao Outro. Pois se a máxima lacaniana de não ceder quanto ao desejo é a essência da ética psicanalítica, então que

resposta poderia dar o analista para a angústia do analisante que não a de fazer o seu discurso coincidir com o do desejo como causa?

Referências

CARVALHO, Maria Célia Delgado. A *Função* da Angústia na Análise. **Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 10, p. 42-48, abril de 2005.

FREUD, Sigmund. O Recalque. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996, vol. XIV.

FREUD, Sigmund. O Estranho. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1996, vol. XVII.

IZCOVICH, Luis. Los Afectos en la Experiencia Analítica. Medellín: UPB, 2011.

LACAN, Jacques. (1962-63) O Seminário livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. (1969-70) O Seminário livro 17: O Averso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

SOLER, Colette. Angústia: afeto de exceção. **Stylus**, Rio de Janeiro, vol. 10, p. 13-23, abril de 2005.